

# Por uma história social do marxismo

LIDIANE S. RODRIGUES\*

Paulatinamente, o marxismo, além de fazer história, tornou-se história. Em seu último livro, *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2010*, Eric Hobsbawm (2011) reuniu dezesseis artigos, elaborados entre 1956 e 2009. Dispensável assinalar o interesse que desperta. Nele, encontram-se: introdução a textos de clássicos de Marx e Engels – *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, *O Manifesto Comunista* e, como não poderia faltar, a também clássica apresentação do historiador a *Formações econômicas pré-capitalistas*; capítulos da coleção *História do marxismo* por ele coordenada; entrevista e palestra reformuladas; dois estudos sobre Gramsci; um prólogo para um estudo a respeito dos *Grundrisse*. A coletânea está dividida em duas partes, a saber: “Marx e Engels” e “Marxismo”.

Difícil apresentar o livro de modo econômico, em função dos limites de um comentário e do feito monumental, típico do historiador. Tal estilo, somado à sua vasta erudição e posto a serviço de sínteses de fôlego, inibe, incontornavelmente, a capacidade sintética de um leitor afeito a minúcias de método. E, no entanto, é imperativo se deter nelas, especialmente se levarmos a sério o fato de que, a despeito da diversidade de circunstâncias que suscitaram a elaboração dos textos, Hobsbawm assevera ser a reunião dos mesmos “não uma história do marxismo em seu sentido tradicional”, mas “em essência” um “estudo sobre a evolução e o impacto póstumo do pensamento de Karl Marx (e de seu amigo inseparável, Friedrich Engels)” (Hobsbawm, 2011, p.9). Talvez seja possível garimpar, no conjunto dos artigos, se não a realização deste programa, um apelo aos pesquisadores para

\* Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP).

que o realizem. Os impasses de método são expressivos disso e por este motivo vale a pena discutir o livro por meio deles.

\* \* \*

Há uma linha vermelha que costura a variedade dos artigos, conferindo a eles unidade. Trata-se do invulgar compromisso de Hobsbawm com suas posições de esquerda, com seu ofício de historiador e com o marxismo, chamando os pares a levar às últimas consequências o propósito da restituição da historicidade da produção de Marx e Engels. Convocação esta que bem pode permanecer uma palavra de ordem sem grandes implicações, caso as questões de pesquisa não sejam objeto de reflexão detida. Talvez seja o caso de se começar pela seguinte. Se a recusa sistemática do anacronismo corresponde ao item primeiro dos mandamentos do *métier*, teriam os historiadores do marxismo extraído daí as consequências para o bom cumprimento de tal preceito? Nem sempre. É o que a leitura de Hobsbawm faz supor.

Não são poucas as advertências cujo fundamento consiste na evocação dessa pedra de toque. Segundo ele, “não podemos entender a história do pensamento de Marx e de suas controvérsias políticas e ideológicas se não lembrarmos” de que “as tendências que ele criticou, combateu ou às quais teve de se adaptar dentro do movimento operário eram, primordialmente, as da esquerda radical pré-marxiana ou que delas derivavam” (p.50-51). Dito de outro modo: é preciso recuperar os móveis da produção de Marx, seus interlocutores e a dinâmica específica dos espaços de interlocução – sem confundir-los com os nossos. E, nessa esteira, talvez, entender o marxismo como um longuíssimo processo de recepção e circulação de obras e ideias, em instâncias intelectuais e políticas. Trivialidade? Como palavra de ordem, decerto – ninguém em sã consciência ignora tal processo. Na prática das pesquisas que se dedicam à história do marxismo, nem tanto. Sobretudo se considerarmos os elementos – políticos e ideológicos – que nos animam, o impasse no tratamento do marxismo como objeto de estudo ou como ferramenta teórica, e a solicitação de outros métodos por problemas suscitados pela história do marxismo. Explico-me.

Hobsbawm afirma que se “há lacunas substanciais” nas ideias de Marx e Engels a respeito de assuntos que nos interessam, especialmente

teóricas, que a nós parecem óbvias”, é obvio que “o tempo histórico em que escreveram e sobre o qual escreveram não só era totalmente diferente do nosso, como também (salvo certa superposição nos últimos anos de vida de Engels) muito diferente da época em que os partidos marxistas se transformaram em organizações de massa ou em forças políticas de relevo. (Hobsbawm, 2011, p.55)

Seria indispensável uma advertência dessa ordem, caso tratássemos, digamos, da obra de Dante Alighieri e da recepção dela? Obviamente, não. Afinal, por um



lado, não a encaramos como instrumental teórico e, por outro, não há problema algum caso o encaminhamento de sua recepção requeira trilhas de indagação que ela mesma não construiu. A equação difere no caso das obras de Marx e Engels.

Ao chamar atenção para a mencionada distância entre nosso tempo e o deles, no que se refere a demandas por desenvolvimento teórico, Hobsbawm nos obriga a refletir sobre procedimentos de investigação, categorias explicativas e a aventar uma história social da teoria, para o bem dela própria. Sabe-se que está implícito na advertência: “paremos de cobrá-los pelo que o tempo deles não os cobrava”. Porém, há mais. A qualificação da diferença temporal – entre eles e nós, os “partidos marxistas se transformaram em organizações de massa ou em forças políticas de relevo” – pressupõe reconhecer dimensões a serem auscultadas na produção do pensamento e na *práxis* que se nutrem de indagações de correntes teóricas nem sempre rivais, porém por vezes estranhas aos procedimentos de mais apreço entre nós. Se isso tornar mais inteligível a história do marxismo, rechaçaremos o procedimento?

Sem que se desvencilhe do impasse, mas sem temer indagações que explicitam a necessidade da rotação que aos poucos tento delinear, o historiador chega a ruas sem saída, cuja apresentação permite a formulação do problema que precisa ser enfrentado.

Como delimitar o que constitui o objeto da história do marxismo? Hobsbawm começa afirmando a necessidade da história do marxismo “definir seu tema por exclusão”, delimitando o território “por aqueles que não são marxistas”, e tem mesmo de “ser assim, pois, se não existisse essa separação”, talvez a história do marxismo não pudesse ser escrita (Hobsbawm, 2011, p.196). Será? O próprio historiador parece duvidar de sua resposta, ao atinar: “não [me] compete decidir entre o marxismo ‘correto’ e o ‘incorreto’, o puro e o corrupto” (Hobsbawm, 2011, p.218). Então por que, de saída, ter que “definir por exclusão” o marxismo – se ele mesmo atenta para o processo mais decisivo, qual seja: a “tendência que têm as ideias marxistas e não marxistas de se interpenetrarem”, como “uma das mais claras evidências da presença do marxismo na cultura geral das camadas cultas” (Hobsbawm, 2011, p.218)?

A não ser que se suponha que as ideias tenham vida própria independentemente de seus portadores, o intercâmbio que as caracteriza não se desvencilha dos interesses dessas camadas cultas e importa investigá-los. Justamente, “quando o marxismo tem presença marcante na cena intelectual”, torna-se “mais difícil manter a separação rígida e mutuamente excludente das ideias marxistas e não marxistas, pois tanto marxistas quanto não marxistas atuam num universo cultural que contém umas e outras” (Hobsbawm, 2011, p.218). Não seria o caso de atentar a esse universo cultural, ao menos momentaneamente, sem a obrigação de estabelecer a fronteira entre nós/marxismo e eles/não marxismo?

Assunto de interesse indiscutível, a recepção das ideias de Marx e Engels entre as camadas cultas implica a consideração do modo como o marxismo se espraia



por tradições intelectuais nacionais e por linhagens disciplinares. Hobsbawm observa que “existe uma ampla zona cinzenta” na qual a influência do marxismo é notável, como partícipe da “tendência geral para a integração da história às ciências sociais e, em particular, para ressaltar o papel fundamental dos fatores econômicos e sociais nos fatos políticos e intelectuais” (Hobsbawm, 2011, p.225). Como tais fatores serão mobilizados para a compreensão do próprio marxismo e da tendência assinalada? O abastado estoque de conceitos extraídos da obra de Marx, Engels, e dos seus sucessores será o mais apropriado para isso? Trata-se de ponto sensível no interior do marxismo, mas é preciso pensar a respeito.

Horacio Tarcus ofereceu uma saída aos impasses, reconhecendo o marxismo como sistema erguido sobre uma *seleção* dos textos de Karl Marx, em nome de Karl Marx, e sobre uma leitura “correta” do autor. Pode, assim, desvencilhar-se dos embaraços assinalados e de uma enxurrada de tantos outros, “deixando de lado a perspectiva de antigas análises orientadas pelos termos de ‘traição’ ou ‘má compreensão’ do autor” – dentro da qual se classificam apenas os eleitos do analista reservando aos demais o “uso irônico de aspas”: “marxistas” (Tarcus, 2007, p.29).

Atentar às implicações desse procedimento é imperativo. Do contrário, os mais afoitos poderiam supor: “abrimos mão da definição de marxismo” – e não é esta a proposta. O fundamental, na rotação de termos delineada, consiste numa visada materialista a respeito do próprio marxismo. Note-se que, ao dizer que o marxismo vai se constituindo a partir de uma *seleção* de textos, o autor sugere que a cartilha, indiscutivelmente muito prática e didática para iniciarmos recém-chegados – que define o marxismo como um sistema teórico nutrido na economia política inglesa, na filosofia alemã, no socialismo francês – também deve ser objeto de investigação. Como assinalou Marie Ymonet, as obras de Marx e Engels foram dispensadas “de serem submetidas à análise das condições de constituição e existência”, posto que o “emprego acrítico de categorias legadas pela tradição marxista encerra a história do marxismo num círculo vicioso”, em que os “objetos pré-construídos que a tradição herda” – tais como o “socialismo”, o “movimento operário”, os “revolucionários e os reformistas”, as “ideologias” e, é claro, o “marxismo” – não têm história, ou seja, são tratados como evidências naturais (Ymonet, 1984, p.3). Os termos talvez sejam acintosos, mas a pesquisadora chama atenção para o mesmo ponto de Tarcus: o confronto *ad hoc* de leituras informadas por categorias prévias evidentes e inquestionáveis estão na base da multiplicação de acusações de má leitura, traição, ironias e classificações algo moralizantes e edificantes. Como alternativa, defende a necessidade de se partir dos marxistas, “ou, ainda melhor, da situação (familiar, intelectual, política, étnica) que os leva a se definir como tais, e, conseqüentemente, faz existir o marxismo” (Ymonet, 1984, p.6).

Seria o caso de se pensar: a dúvida a respeito da inclusão de um autor ou obra numa história do marxismo já não seria um bom indicativo de que é preferível considerar *sua posição* no marxismo a retirar-lhe a credencial? A “solucionática” de Tarcus – alternativa aos impasses da questão bizantina de “ser ou não ser”

marxista – e a de Ymonet – alternativa às categorias pré-construídas pelos agentes que são objeto e não critérios explicativos – são, indubitavelmente, engenhosas. No entanto, levá-las a cabo implica, é preciso reconhecer, domínio de métodos, técnicas de investigação, hipóteses de pesquisa e conceitos nem sempre manejados pelos marxistas. Resta ponderar se há motivo a temer na incorporação deles. As categorias e os objetos herdados da tradição marxista serão adequados para investigar: editoras e editores; leituras e leitores; perfil de autores; a negociação de mercado entre esses agentes incidindo na produção das obras; o recrutamento social dos partidos, sindicatos, movimentos sociais, universidades; o condicionamento do *habitus* (de classe, de gênero etc.) nas tomadas de posição teórica, na eleição de temas, na dificuldade de encarar problemas de pesquisa? Sabe-se que todo leitor ou grupo de leitores acessa as obras (do marxismo ou quaisquer outras) carregando sua história social, determinante de uma série infinitesimal de inclinações cognitivas entrelaçadas com a produção teórica dos mesmos.

Só ao custo altíssimo de se abrir mão da autorreflexão pode-se ignorar tais dimensões e a indissociabilidade delas – e, acuados contra a parede dizemos: uma coisa nada deve a outra. Ponderando-se bem as coisas, abre-se, com tal perspectiva, numerosos problemas de pesquisa e, concomitantemente, os pressupostos de tantos outros estão sob xeque-mate. A demanda por outro enquadramento do marxismo – vale dizer, a esta altura, *como teoria indissociável de sua história social* – atravessa de ponta a ponta o último livro de Hobsbawm, e daí certo estranhamento de um leitor atento ao se deparar com assertivas como: “não há necessidade de [...] nos aprofundarmos demais na sociologia dos intelectuais como grupo”. Por que não? Se ele reconhece, em seguida: “todos os países contavam com um grupo de homens (e, em número muito menor de mulheres) que haviam recebido algum tipo de educação acadêmica superior, e é a atração que o socialismo/marxismo exerce sobre essas pessoas que nos interessa” (Hobsbawm, 2011, p.206). Como tornar inteligível a “colossal atração [do marxismo] sobre os intelectuais” (Hobsbawm, 2011, p.315), sem investigá-los? E se para isso for necessária a sociologia dos intelectuais, qual o temor? É precisamente o que se encontra nas pesquisas de Christophe Charles, István Kemeny, Victor Karady, não por acaso, referidos por Hobsbawm, por atentarem a condicionamentos sociais ligados à capacidade de recrutamento do marxismo (Hobsbawm, 2011, p.394-395) – muito embora não tenham sido ainda incorporados à bibliografia. Em contrapartida, também não ganhará inteligibilidade o processo inverso – de proliferação de ex-marxistas? Será possível explicá-lo associando-o às grandes categorias, como neoliberalismo e fim da ordem bipolar? Refletir seriamente sobre a causalidade estabelecida entre um fenômeno e outro – com rasgos de condenação moral encontrados aqui e acolá, quando este é o assunto – faz defender que a proporção considerável desses “ex” é indiscutivelmente algo que demanda uma história social do marxismo, que coloque sob suspeita categorias tão rarefeitas e fáceis de serem acionadas para a explicação de qualquer coisa – como capitalismo tardio, neoliberalismo etc.

*Por uma história social do marxismo* • 157

Não é preciso abrir mão do compromisso político ligado à denúncia da mazela que eles produzem, tampouco dessas categorias explicativas em absoluto. No entanto, a concomitância de dois fenômenos não transforma imediatamente um em causa do outro; e tomá-las, sem mais, como explicação, elimina perguntas como: quais são os itinerários sociais, por quais instituições passaram, quais os grupos de referência, quais eram os interesses materiais e simbólicos em jogo na adoção e no rechaço ao comunismo e ao marxismo etc. Indagações, em suma, da sociologia dos intelectuais, cujo exemplar talvez mais bem realizado e condensado encontre-se no estudo de Raymond Williams (1982) sobre o *Bloomsbury fraction*.

\* \* \*

É de se reconhecer que o apelo de Hobsbawm não vem de hoje. Se for verdade que uma introdução cristaliza os problemas mais agudos do trabalho que apresenta, torna-se tanto mais instigante meditar a respeito do que ele afirma ao abrir a coletânea da história do marxismo: ela

não pode ser *apenas* a história do que os marxistas e Marx, em primeiro lugar, pensaram, escreveram e discutiram, uma história que se explicita na tradicional reconstrução da árvore genealógica das ideias, ou através do método marxista de análise da relação entre “consciência” e o “ser social”. (Hobsbawm, 1983, p.12)

Decerto, o recado não se dirigia a todos os arregimentados pela coleção. É notável a afinidade entre o que se propõe aqui e o estudo de Georges Haupt, a respeito das modificações nos usos sociais do termo “marxismo/marxista”: “me parece que o problema consiste mais em examinar o modo como uma noção deste tipo se impôs, as razões de sua difusão e de sua utilidade, do que indagar sobre sua legitimidade ou fidelidade com referência ao projeto inicial de Marx” (Haupt, 1983, p.348). Do mesmo modo, o tirocínio de Pierre Vilar (1983, p.97): “jamais alguém se torna marxista lendo Marx; ou, pelo menos, apenas o lendo”. No entanto, não fossem os pares de Hobsbawm destituídos de defesa para o canto da sereia da genealogia das ideias sem suporte material algum, aquela advertência seria dispensável.

É factível aventar que na base da indiferença dispensada aos métodos e questões da sociologia dos intelectuais e da história social da cultura esteja nossa ambígua relação com o repertório da tradição marxista – simultaneamente “ferramenta teórica” e “objeto de estudo” – assim como a inclinação para apostar que o marxismo possa explicar a si próprio e se basta. Ademais, não é indiferente ao estado da arte a associação – irrefletida, por vezes – entre afiançar a tomada de posição política mais justa e a adoção do marxismo como instrumental teórico. Menos que propor respostas, chacoalhar categorias prontas e fissurar modos de percepção engessados, operando na elaboração de problemas e perguntas – eis

o propósito dessa leitura enviesada do livro de Hobsbawm. Desconheço outra maneira – senão o exercício da razão, amiga da verdade – de render homenagem ao historiador, recém-falecido, e me pôr em acordo com ele: “mais uma vez chegou a hora de levar Marx a sério” (Hobsbawm, 2011, p.405). Consta que ele era destituído de melindres no esculacho de idealismos escapistas, na apropriação de outras correntes teóricas, não tinha preguiça de processá-las criativamente, de suscitar dúvidas em meio a certezas. Desconheço melhor exemplo a ser seguido para pensar o marxismo.

### Referências bibliográficas

- HAUPT, Georges. Marx e o marxismo. In: HOBSBAWM, Eric (Org.). *História do marxismo. v.1*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HOBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo*. Marx e o marxismo, 1840-2011. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. Introdução. In: HOBSBAWM, Eric (Org.). *História do marxismo. v.1*, O marxismo no tempo de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina*. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- VILAR, Pierre. Marx e a história. In: HOBSBAWM, Eric (Org.). *História do marxismo. v.1*, O marxismo no tempo de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- YMONET, Marie. Les héritiers du *capital*. L'invention du marxisme en France au lendemain de la Commune. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.55, nov. 1984.
- WILLIAMS, Raymond. The Bloomsbury fraction. In: \_\_\_\_\_. *Problems in Materialism and Culture*. Londres: Verso, 1982.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**Mundialização do capital e acumulação financeira**

Victor Klagsbrunn

**Tecnologia e meio ambiente na perspectiva de Marx**

Antônio Andrioli

**Economia marxista e economia freudiana**

Cláudio Oliveira

**Gramsci e Labriola**

Marco Vanzulli

**Debate Miliband-Poulantzas: 40 anos depois**

# 27